

A inteligência do pinote

Julya Vasconcelos

Vertente da capoeira conceituada por Mestre Pastinha em Salvador, na década de 1940, tem sua maior característica na expressão poética e estética ligada à mimetização da natureza

"Mesmo reconhecida como Patrimônio Imaterial do Brasil, a prática da capoeira ainda oferece pouca autonomia aos mestres"

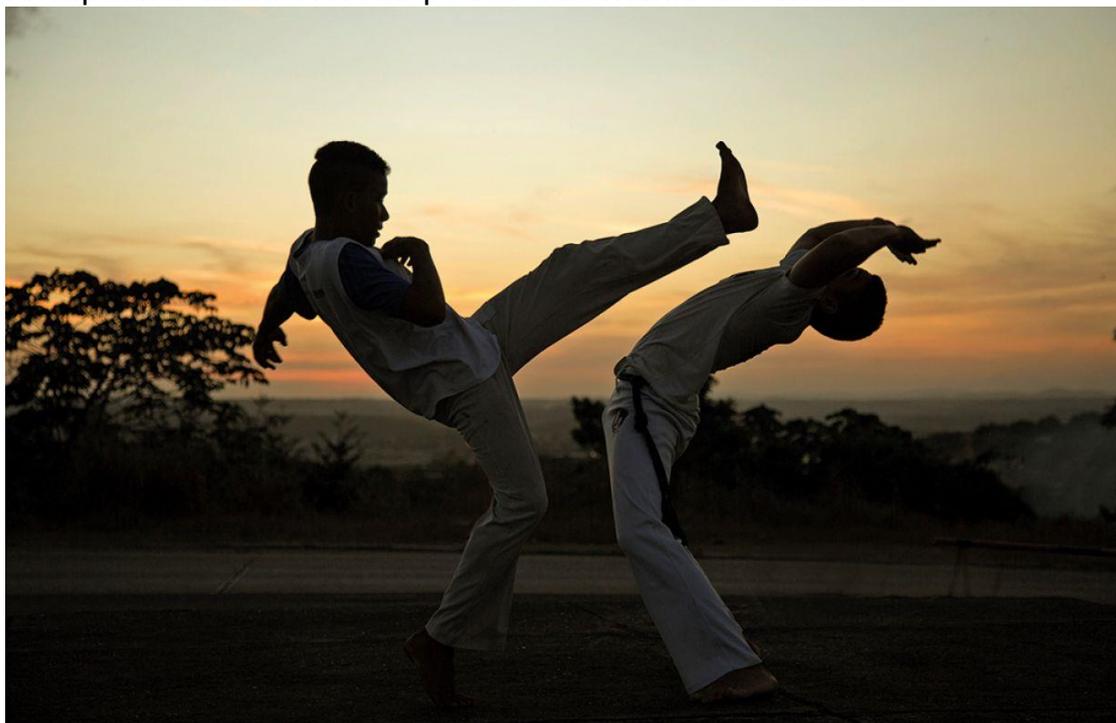


FOTO ROBERTA GUIMARÃES

O corpo esguio, negro e leve de Mestre Alexandre – vestido elegantemente com calças brancas, ajustadas com um cinto, e camiseta preta – desliza em movimento constante do chão para o alto, de um lado para o outro. Às vezes, na ponta dos pés, às vezes, tocando os dedos no chão, como se o tamborilasse. Noutras, encostando o rosto e as pernas no piso de cimento da Escola de Capoeira Angola N'golo Bantus, numa rua de terra chamada 2a Travessa Joaquim Nabuco, na Cidade Tabajara, Olinda, onde dá aulas e promove rodas há mais de uma década.

Os movimentos têm delicadeza e firmeza comoventes, em um vaivém sem princípio ou fim, como se cada movimentação puxasse a seguinte e assim sucessivamente, sem quebras. O corpo inteiro dança, ginga, ritmado, alternando entre uma vagareza meio felina e repentinos pinotes, enfiadas de pernas, mergulhos no chão. Parece terral, e, por mais que os corpos subam, eles voltam como que atados à terra.

Rodrigo, um dos seus discípulos, abaixa o corpo comprido, descendo lentamente com as mãos paralelas em frente ao rosto como se segurasse algo entre as palmas. De repente, esses dois corpos, tão distintos, passam a compartilhar um diálogo que deve ter algo de fantástico, como se ali pudesse ser constatada a existência da telepatia, pois onde entram os braços de um, afasta-se o tronco do outro segundos antes, como se soubessem ler antecipadamente o corpo/mente do outro. Por vezes, as cabeças se tocam, as mãos encontram o corpo do outro como se tateassem, como se quisessem compreender a textura e a densidade do outro. Às vezes, depois de um golpe, eles se olham sorrindo, ou gargalham, e o som ecoa na pequena casa da Cidade Tabajara. É uma brincadeira, e não é.

A capoeira praticada por Mestre Alexandre é a chamada capoeira de angola, ou capoeira-mãe, que teve seus fundamentos definidos, por assim dizer, por Mestre Pastinha, em Salvador, na década de 1940. Ela é diferente da capoeira-regional, mais popular, que é uma prática mais esportiva e acrobática, aproximando-se de uma luta marcial, fundada pelo também soteropolitano Mestre Bimba. "A movimentação da capoeira de angola vem toda da natureza. As árvores, os bichos, o cair de uma folha, a água do rio", explicou Mestre Alexandre, enquanto tomava um suco de acerola, fruta colhida dos pés plantados no fundo da escola. Segundo Mestre Pastinha, a capoeira é uma atividade física, um esporte e uma luta, mas é também "uma reza, um lamento, uma brincadeira, uma vadiação, uma dança, um canto, uma comunhão". Essa irmandade com a arte, com o que há de expressão estética e poética na prática da capoeira, parece ser uma das maiores características da angola.

"A capoeira de angola tem a presença de códigos gestuais e estéticos muito específicos, que não acontecem nas outras capoeiras. Por exemplo, os toques de berimbau, a construção da bateria, tudo isso tem um claro diferencial. Existe também a 'chamada', que é um gesto que acontece e pode acontecer por motivos diferentes. Geralmente, a explicação mais tradicional é que é um momento de harmonização do jogo. É uma pausa em que o capoeirista está se harmonizando. Às vezes, um golpe, uma energia, um campo energético que se abre e se instaura. Cada capoeirista lida com isso de um jeito. É um momento de suspensão do jogo. Um chama, o outro para, e vai ao encontro dele responder à chamada. Esse é um código muito específico", explica Gabriela Santana, capoeirista e professora pesquisadora do Departamento de Dança da UFPE.

Gabriela é responsável por um projeto de extensão iniciado em 2015, chamado Capoeira no CAC, que logrou reunir alguns dos principais mestres de capoeira de Pernambuco sob a justificativa de mapeá-los, estabelecer diálogos e fomentar a prática. A ação deu origem ao recém-lançado videodocumentário *Jogo aberto*, importante material de registro e reflexão.

CHAMADAS E GESTOS

No meio do jogo, Mestre Alexandre espalma as mãos, com os braços semiesticados horizontalmente, e vai ao encontro das mãos de Rodrigo. O rapaz repete o gesto do mestre e encosta suas mãos nas dele. De repente, os dois parecem dançar um bolero suave: dois passos pra frente, dois passos pra trás, e esse movimento se repete algumas vezes. A energia é suspensa, e os olhos todos parecem pairar nas mãos coladas das capoeiras. A música continua com o som do berra-boi (o principal berimbau dentre os três usados nessa modalidade de capoeira, tem som mais grave e também pode ser chamado de *gunga*), dos pandeiros, do reco-reco, do agogô, do atabaque. Os oito instrumentos que ditam os ritmos da angola. É bonito, como se a cumplicidade entre os jogadores se evidenciasse ainda mais. A qualidade ritualística é explosiva nesse momento. Mestre Alexandre diz que, no entanto, é preciso não se enganar: a chamada pode ser um blefe, uma cilada, e terminar numa rasteira de surpresa, num "aú" desconcertante, num "rabo de arraia" fatal. "É uma coisa bruta e sutil, a capoeira de angola. Tem a maldade, mas você aplica se quiser. Tem a pancada, tem a rasteira, mas tudo dentro do contexto. Se sai dali, o berimbau chama; tem que respeitar o berimbau", explica.

ESTILO LAPIDADO

A "malícia" e a "mandinga" são essenciais dentro da capoeira de angola. Ser angoleiro é também usar a malícia o tempo todo. Segundo Mestre Pastinha, no dossiê do Iphan *Rodas de capoeira e ofício dos mestres de capoeira*, esse aprendizado tem que dar condições para que cada aprendiz desenvolva seu estilo próprio de dissimulação, beleza, continuidade e elegância em seus movimentos, toque e cantos. A singularidade e a beleza são perseguidas incessantemente. O estilo de cada jogador/dançarino/capoeira é lapidado e exaltado constantemente pelos praticantes, numa busca por identidade. Ninguém joga igual a ninguém, segundo Pastinha. Ainda segundo seu depoimento no dossiê, há "o descompromisso alegre da vadiagem, a malícia ácida da malandragem, a espiritualidade dos rituais religiosos, a beleza das danças e toques. A celebração e a comunhão de um povo não cabem em técnicas e conceitos".

Para Alexandre, praticar a angola é também um ato político e de resistência, principalmente no que diz respeito à reverência a uma ancestralidade africana, além de uma filosofia de vida. "Enxergo os

espaços de prática de capoeira como verdadeiros quilombos”, afirma o mestre. Para a contramestra Di, a capoeira também é muito mais complexa do que apenas uma dança, ou uma luta, ou um jogo. “A própria capoeira de angola tem sua espiritualidade”, diz, enquanto senta em um tronco seco em meio às muitas árvores do terreno do sítio da Dona Geni, na zona rural de Olinda.

Um cheiro forte de manga-espada madura toma conta de tudo. Olhando para o chão, é possível ver dezenas de pontos amarelados entre as folhas secas caídas das árvores. As crianças do sítio, que são também alunas de capoeira da contramestra Di, em um projeto de formação que encabeça sozinha há cerca de seis meses, passam catando as mangas, subindo nas árvores. Miguel sobe alto, conversa com os saguis. O corpo atlético de Di revela uma prática corporal constante, e o seu discurso, que passeia entre o conscientemente político e libertário, nos dá uma pista do quanto a capoeira de angola é também uma escola de formação intelectual e espiritual para os seus seguidores. “A capoeira tem tudo a ver com isso aqui, com a natureza. É o seu *habitat*”, afirma Di, olhando as copas frondosas das mangueiras do terreno.

Depois, enquanto caminha por sobre terra, plantas e lixo (o sítio fica em uma comunidade carente na zona rural de Olinda, e há um claro descompromisso com a coleta de lixo, só para citar um dos problemas), mostra que ali mesmo nascem os vegetais que são a matéria-prima do berimbau. Pega um galho e faz menção à forma fina do instrumento, tão essencial ao jogo de capoeira. “É muito estranho ainda ouvir que o capoeira é um vadio. Uma forma de expressão corporal que atravessou anos e anos! No mato, cultuando a natureza, cantando, dançando. Muito triste ser visto como vagabundo porque se tem essa filosofia de vida. Eu estou sempre conectada com a natureza e a capoeira.” “Essa é uma filosofia de vida”, diz Di, que se chama na verdade Adriana Luz do Nascimento e começou na capoeira aos 13 anos de idade. A capoeira é seta tão afiada na vida dos homens e mulheres que encaram esse caminho, que é menos uma atividade que uma filosofia. Vive-se a capoeira. “A capoeira de angola me deu um norte, uma direção, me fez descobrir qual a minha missão no mundo. Pra mim, é uma mãe que só me ensinou, que só me deu força, me fez querer ser quem eu sou. Ajudou diretamente na minha formação enquanto mulher, pessoa, visão de mundo. É paixão, filosofia, missão”, resume a contramestra.

MULHER ANGOLEIRA

No domingo, dia 8 de março, *Dia Internacional da Mulher*, Di procurou desmarcar as fotos agendadas pela Continente para aquele dia. Queria ir com um grupo de amigas e capoeiras à passeata marcada para a data. “É muito importante para mim e para elas”. A reivindicação por direitos iguais e respeito dentro do espaço predominantemente masculino da capoeira é uma questão forte para Di. “O número pequeno de mulheres sempre me incomodou.

Convivendo em um ambiente masculino, você precisa se impor. Meu mestre me incentivava, mas havia momentos em que eu percebia que fazia pouco. Tinha que correr muito atrás. Rompi com meu mestre para buscar meu caminho de autonomia como mulher angoleira.”

As mesmas questões são levantadas pelas professoras Mônica e Gabriela Santana. “Eu me maltratei muito dentro da capoeira, tive que me masculinizar. Não quero mais fazer isso, quero ser quem eu sou”, diz Mônica, que acredita que a capoeira de angola ainda precisa amadurecer a sua matriz africana, que é muito centrada na dualidade e valoriza a figura da mulher. “No candomblé, por exemplo, a figura da mulher é central. A capoeira precisa também compreender essas questões”, completa.

Gabriela observa uma tomada de consciência por parte das mulheres, principalmente em Pernambuco. “A mulher está muito mais reconhecida como alguém que organiza, mas não necessariamente como quem lidera e instrui as outras pessoas. Isso tem a ver com o nosso próprio processo, estamos sempre sendo colocadas à prova, sendo caçadas, coagidas, intimidadas, e de maneiras muito sutis e perversas. Já existem discussões, e muitas mulheres já estão sensibilizadas, algumas mestras também vem questionando isso. Temos que perguntar: como eu me imponho sem reproduzir?”, questiona.

ANGOLA EM PE

No Alto da Sé, Cidade Alta de Olinda, Severino José Magalhães, 47 anos, faz sua roda um domingo sim, outro não. Apelidado Nino Faísca, por sua agilidade nas rodas, desde que jogava a capoeira-regional, é um dos mais antigos praticantes da angola em Pernambuco.

Com seu boné preto, um berimbau a tiracolo, caminha devagarinho em frente à Academia Santa Gertrudes, senta (com um sorriso que não lhe sai do rosto) e começa a contar como a tradição angoleira chegou a Pernambuco, nos anos 1980, o que se confunde também com sua história como angoleiro.

“Vim a conhecer o Mestre Sapo, aí comecei a treinar com ele a capoeira de rua, e todo sábado pela manhã estávamos ali na Praça do Diário (no centro do Recife), jogando capoeira com Mestre Teté, Mestre Barrão, Mestre Todo Duro (que hoje em dia é boxeador), e vários outros de todas as partes. A gente jogava sempre e, pra ganhar o pão de cada dia, passava o chapéu. Até que um dia apareceu o Mestre Cobra Mansa, Cobrinha, lá de Salvador, numa dessas rodas. E lá chegou e jogou a capoeira dele. Até então, a gente não conhecia, e foi uma surpresa pra todos. Aí, Sapo olhou e disse: ‘É essa a capoeira que eu quero. Que capoeira é essa?!’ Ficou todo mundo encantado”, contou Nino.

A partir daquele encontro, a relação entre Mestre Sapo e Mestre Cobra Mansa se estabelece. Sapo vai a Salvador aprender aquela

capoeira potente, e leva seus dois principais alunos, Nino Faísca e Marcelo Baiacu. Assim começa a história da capoeira de Angola em Pernambuco, na figura ainda central e controversa de Humberto Ferreira de Mendonça, o famoso Mestre Sapo. Praticamente, todos os professores, mestres, contramestres e trenéis de Angola passaram pelas suas mãos.

SAPO E COBRA MANSA

Na enladeira da Rua Ilma Costa, em Bonsucesso, Olinda, a porta de madeira da casa de número 243 dá acesso à Associação de Capoeira Angola Mãe. Mestre Sapo abre a porta, depois de alguns minutos do soar da campainha. O homem de quase 70 anos ostenta longos *dreads* grisalhos. Abre a porta, faz algumas perguntas, mas não quer dar entrevista. Diz que vai abandonar a capoeira, que seu nome já está marcado.

Sapo tem uma relação conturbada com seus antigos alunos e não acredita na diplomação de mestres através do reconhecimento da comunidade. Para ele, assim como era para o Mestre Pastinha, apenas um mestre pode reconhecer um novo mestre. Muitos dos mestres pernambucanos foram reconhecidos por suas comunidades, por seus trabalhos sociais, pelo tempo de dedicação à capoeira. Mestre Sapo não os reconhece. Suas famosas rodas, que aconteciam aos domingos, estão suspensas.

O grande vão, do que já foi uma fábrica de isopor, é um espaço cheio de memória. Fotografias de Pastinha, Cobra Mansa, Mestre Rogério. Cartazes, instrumentos, recortes de jornal. As paredes da associação abraçam a roda de capoeira pintada de amarelo no chão. Mestre Sapo aponta as fotografias, conta do encantamento de ver pela primeira vez Cobra Mansa jogando a Angola, do reconhecimento como mestre pelo Mestre Rogério, do Rio de Janeiro. É tudo o que fala.

O professor Caíca, coordenador do Grupo de Capoeira Herança de Angola, na Cidade Tabajara, também foi aluno de Sapo, ficando no seu grupo até 2000. O seu espaço é um dos mais ativos do estado, com rodas e aulas constantes. No entanto, de um modo geral, há pouco incentivo e estrutura para os angoleiros. Os mestres, professores e trenéis não conseguem sobreviver de sua arte, com dificuldades para manter espaços e atividades. Nino Faísca, Di, Alexandre, Sapo, e tantos outros mestres vivem a mesma situação, apesar de a capoeira ser reconhecida como Patrimônio Imaterial do Brasil.

Para Caíca, que também é formado em História pela UFRPE, este é um problema histórico de falta de valorização da cultura negra. "Pernambuco nunca incentivou a prática da capoeira! Porém, a resistência venceu até mesmo a proibição do Código Penal republicano. Hoje, somos patrimônio imaterial. A cultura negra sempre aprendeu que o nosso valor nunca poderá depender de reconhecimento externo. E, em Pernambuco, a repressão era mais

severa. Tivemos o presídio nacional dos capoeiristas, a Casa de Detenção de Fernando de Noronha. Tivemos a transformação da capoeira no frevo, como estratégia de sobrevivência. Nunca nos inclinamos ao poder instituído. A busca por espaços próprios se configura na perpetuação de 'quilombos', em consonância com a liberdade pedagógica deixada por nossa ancestralidade", afirma.

Já são quase 21h. As roupas elegantes de Mestre Alexandre e seus alunos não resistem ao calor de Olinda e estão molhadas de suor. Um a um, os discípulos vão atravessando a porta da N'golo Bantus, passando pelas fotografias, pela imagem do Preto Velho que adorna a parede ao lado da porta. Um Bob Marley em tecido observa as atividades do grupo. Alexandre vai até a rua de terra, observa a despedida de todos, e volta ao espaço que o dignifica. "Eu vivo a capoeira dia a dia, e isso é que me fortalece. Eu não sou mestre não, eu zelo pela capoeira de angola, apenas. Deixo ela correr como um rio."